

17.7.2019  
Marta

## CLC 6- Culturas de urbanismo e mobilidade

### A importância da Língua Portuguesa no mundo

#### Ficha de Trabalho

- ✓ Leia o texto que lhe coube. Organize, com o seu grupo, uma apresentação oral sobre o mesmo
- ✓ Dispõe de 15 minutos para o apresentar. Pode utilizar o meio de apresentação que mais lhe convier

#### Texto 4

### Colonização literária



Sanches Neto defende-se "A crítica não é aos portugueses, mas ao deslumbramento nosso, que passamos da ignorância total a um culto sem distanciamento crítico"

O brasileiro Miguel Sanches Neto é escritor e crítico literário e está preocupado com a invasão da literatura portuguesa no seu país. O Brasil está a assistir a uma "enchente de escritores" portugueses, escreveu ele num texto intitulado "Brasil recolonizado", publicado na revista Carta Capital no dia 5.

Aí conclui que, após um período em que os brasileiros praticamente ignoraram a literatura produzida do outro lado do Atlântico, vive-se agora uma situação curiosa os escritores portugueses estão a ser editados no Brasil, deslocam-se ao país para participar em eventos e conquistam espaço nos media. "Estamos vivendo uma transferência da Corte Literária Portuguesa", acusa Sanches Neto.

"A fase em que nos encontramos hoje é da onnipresença desses autores, até daqueles que não são muito visíveis em seu habitat", afirma. E mais à frente "Estamos de uma certa forma sofrendo de recolonização, o que corrige o descaso com que tratámos os portugueses no último século, mas também cria algumas distorções, pois pode nos tirar do nosso caminho."

influência. Sanches Neto teme que esta "avalanche" portuguesa contribua para um empobrecimento da língua brasileira, através de uma "estandardização cultural". Ao longo do tempo, escreve, "nós investimos na expressividade do idioma aberto à contribuição milionária de todos os erros, enquanto em Portugal a língua se fixou nas convenções cultas". E, agora, "são os autores portugueses influenciando a literatura brasileira, afastando-nos de um caminho criativo, próximo da língua falada, para colocar em destaque um código saturado".

Em declarações ao DN, Sanches Neto reafirma esta ideia "O português do Brasil é marcado pela síntese, pela contribuição do falar popular, pela simplicidade, e esta não é uma marca do português lusitano, mais erudito. Logicamente, defendo a identidade de uma literatura brasileira próxima deste falar modificado a partir do movimento modernista."

Com frases assim fortes, o texto provocou a reacção imediata do embaixador de Portugal no Brasil, Francisco Seixas da Costa, que escreveu para a revista criticando a "aberta apologia do protecçãoismo linguístico". Na sua resposta, intitulada "Quem tem medo de Inês Pedrosa?", o embaixador lamenta que no país persista o "antiportuguesismo" "É bem triste ver adubada e ajudada essa mesma deriva por figuras da cultura, dando verniz ideológico e intelectual ao preconceito." Esta interpretação deixou Sanches Neto surpreendido. "Não era minha intenção", confessa ao DN. "Leitor dos portugueses contemporâneos antes de eles virarem moda, eu simplesmente quis reflectir sobre a razão de tais escritores terem entrado na cultura brasileira com a força de um tsunami", defende-se.

Invasão. E as razões são, diz, sobretudo económicas. A literatura portuguesa chega ao Brasil depois de as empresas portuguesas também por lá se terem instalado. A isto soma-se o facto de haver um "forte patrocínio" do Ministério da Cultura português em 2003, o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas (IPLB) lançou o Programa de Apoio a Edições de Autores no Brasil, a que se candidataram editoras brasileiras e que cobre até 60 por cento dos custos de edição. Em 2004, o programa co-patrocinou 29 títulos de 12 editoras, num investimento de cerca de 194 mil euros (mas alguns pagamento do IPLB estão atrasados).

Aproveitando esta oportunidade, as editoras procuraram os autores que sabiam estar mais na moda. Sanches Melo dá um exemplo no seu texto "Como está na moda a literatura feita por mulheres, o grande fenómeno nesta área foi Inês Pedrosa (...). Ela vem sendo consumida com devoção, apesar do estilo derramado." O crítico refere-se ainda ao sucesso de Miguel Sousa Tavares (que chegou a ser entrevistado no Programa do Jô e, segundo a editora Oficina do Livro, já terá vendido no Brasil cerca de 20 mil exemplares de Equador) ou de Gonçalo M. Tavares (falado em toda a imprensa aquando da sua presença na Festa Literária Internacional de Parati). Rui Zink, José Luís Peixoto, Pedro Paixão e Lídia Jorge são alguns dos autores portugueses ultimamente mais promovidos no Brasil, ao lado das novas edições de Helder Macedo, Sophia de Mello Breyner, Saramago ou Lobo Antunes. A editora Gryphus criou a colecção Identidades, onde apresenta José Riço Direitinho e Ruy Duarte Carvalho. E na colecção Tanto Mar, a Planeta edita Filipa Melo, Teolinda Gersão e Agustina Bessa-Luís. "A tradução encarece muito a produção do livro. Obviamente, neste aspecto, publicar autores portugueses indica uma opção das editoras por baratear custos", confirmou Rogério Alves, responsável pela Tanto Mar, ao jornal O Globo.

anedótico. Para o crítico literário português e especialista em literatura brasileira Abel Barros Baptista o texto de Sanches Neto é "anedótico". Mesmo se algumas das afirmações são verdadeiras, estamos longe de uma qualquer colonização. Mas, ao mesmo tempo, diz Abel Barros Baptista, o texto é "sintomático de uma separação irreversível entre a literatura portuguesa e a literatura brasileira a partir do Modernismo brasileiro, como o próprio Miguel Sanches Neto refere". E é precisamente por isso que o texto acaba por ser anedótico "Não há hipótese alguma de uma dúzia de escritores

portugueses irem ao Brasil e terem o efeito e a influência que ele diz numa cultura que não está interessada neles."

O escritor Gonçalo M. Tavares começa por considerar "divertido que Portugal seja tratado como um país rico e invasor", mas logo comenta aquela que é, em seu entender, a questão central levantada por Sanches Neto "A língua fortalece-se com todas as variações possíveis", diz. "O português de África e do Brasil são muito interessantes para a língua e para a literatura portuguesas. Juntas, estas variações tornam a língua mais forte. Devia-se falar de uma língua da comunidade, cada vez mais intercontinental e menos patriótica."

Deslumbramento. Em 1997, referindo-se ao sucesso de José Saramago, Sanches Neto escrevia na sua coluna habitual na Gazeta do Povo, de Curitiba "Está-se aproximando a vez dos falantes de língua portuguesa e é mais do que significativo que esta ressurreição tenha sido empreendida por um português, o que mostra que os brasileiros só têm a perder quando ignoram a produção cultural lusitana." E, em 1998, celebrava a "reconciliação": "O que não quer dizer que é necessário seguir o modelo português de cultura e língua, mas sim que ignorá-lo, como vínhamos fazendo, é uma verdadeira estupidez. Conhecer as literaturas de língua portuguesa é fortalecer a cultura brasileira."

Confrontado com estas posições, Miguel Sanches Neto afirma ao DN "Sou leitor e admirador dos portugueses, mas vejo que há uma recepção criada artificialmente, por meio de patrocínios, para a literatura de vocês. Preferia que ela chegasse naturalmente." O crítico confessa-se "incomodado com este processo de imposição oficial de uma literatura portuguesa". E conclui: "A crítica não é directamente aos portugueses, mas a um deslumbramento nosso, que passamos da ignorância total da produção lusitana para um culto sem distanciamento crítico - pólos opostos e, a meu ver, extremados."

Obscurantismo. Apesar de não querer tecer muitos comentários a este assunto, Inês Pedrosa não resiste a responder "Miguel Sanches Neto parece muito chocado com o facto de o Ministério da Cultura português apoiar a edição de livros. O que eu posso dizer é: seria importante que mais ministérios fizessem o mesmo. Isso seria óptimo. Em Portugal, várias editoras publicam excelentes autores brasileiros e não têm qualquer apoio. E ninguém aqui se sente perturbado pelas novas formulações de português veiculadas por esses livros. Os contributos das novas utilizações da língua são sempre enriquecedores."

Esta opinião é partilhada por Miguel Sousa Tavares, para quem a questão de fundo neste artigo tem a ver com "obscurantismo cultural" "Um país que tem uma língua e uma literatura tão fortes como o Brasil não tem que ter medo da concorrência." Miguel Sousa Tavares fez questão de não adaptar os seus livros editados no Brasil, da mesma forma que gosta de ler os autores brasileiros com sotaque. "Aquilo que dá riqueza à língua é a diversidade."



CLC-6

"Culturas de Urbanismo e Tolerância"

Sônia Marcos

(sonia.h.marcos@hotmail.com)

Dionísio Grego Betegues  
Pebezam

Tema IV

"Colonização Literária"

• Carta de Pedro Vaz de Caminha sobre o achamento do Brasil.

A carta do achamento do Brasil, escrita por Pedro Vaz de Caminha foi escrita em Belo Seguro, entre 26 de Abril e 2 de Maio de 1500.

Das mãos de D. Manuel I, passou a secretária de estado como documento secreto, por que se evita que chegasse aos espanhóis a notícia do descobrimento.

Anos mais tarde, o documento foi enviado para o arquivo nacional, localizado na base do tomba do Castelo de Lisboa, e aí se perdeu esquecido durante os séculos seguintes.

Somente em 1773, o director do arquivo, José Sobral da Silva, mandou fazer uma nova cópia da carta, e supõe-se que por meio dele o texto tenha chegado ao Brasil, provavelmente quando este fez a sua transferência para o Rio de Janeiro com a família real portuguesa.

Essa cópia foi encontrada no arquivo da rainha real do Rio de Janeiro pelo padre Manuel Aires de Casal, que a imprimiu em 1813, tornando-a pública pela primeira vez, e esse documento ganhou particular importância para o Brasil com a independência em 1822.

Para o novo país, tratava-se do documento que encerrava no primeiro registo de sua existência.

Além disso, no século 19, os estudiosos reconheceram o valor dos documentos escritos como fontes privilegiadas para o conhecimento da história.

Esse mesmo documento foi escrito por um português usado no séc 16, sendo que é muito diferente do que é usado actualmente, e por isso não se pode ter a certeza do significado de algumas palavras empregadas pelo autor. No caso de outras, sua significação simplesmente se perdeu no tempo, mas felizmente, esses problemas não chegaram a prejudicar a compreensão do texto no seu todo.

A carta foi escrita com intenção de informar o rei o descobrimento e apresentar-lhe o que se encontrou, por isso o estilo do autor é claro e marcado pela objectividade, mas mesmo assim a carta tem uma grande riqueza de detalhes sobre aquilo que o autor viu.

Podemos assim dizer que por meio da narrativa do autor o leitor parece conseguir presenciar o momento em que os portugueses e índios se encontraram no litoral baiano a quinhentos anos atrás.

## Pezussa na Carta

17.7 milões  
Anos

A carta do achamento do Brasil, escrita por Pedro Vaz de Gaminha, foi escrita em Porto Seguro, entre 26 de Abril e 2 de Maio de 1500.

Das mãos de D. Manuel I, passou a secretaria de Estado como documento secreto, pois queria-se evitar que chegasse aos Espanhóis, a notícia do descobrimento.

Ans mais tarde, o documento foi enviado para o arquivo nacional, localizada na Torre da Torre do Castelo em Lisboa, e lá repousou esquecido durante os séculos seguintes.

Somente em 1773, o director do arquivo, José Seabra da Silva, mandou fazer uma nova cópia da Carta, e supõe-se que por meio dele, o texto tenha chegado ao Brasil, possivelmente quando este fez a sua transferência para o Rio de Janeiro com a família real portuguesa.

Essa cópia foi encontrada no arquivo da Marinha Real do Rio de Janeiro, pelo padre Manuel Alves do Casal, que a imprimiu em 1817, tornando-a pública pela primeira vez, e esse documento ganhou particular importância para o Brasil, com a independência em 1822.

Para o novo país, tratava-se do documento que encerrava o primeiro registro da sua existência.

Além disso, no século XIX (19), os estudiosos reconheceram o valor dos documentos escritos como fontes privilegiadas para o conhecimento da história.

Esse mesmo documento foi escrito por um português usado no século XVI (16), sendo que é muito diferente do que é usado actualmente, e por isso não se pode ter a certeza do significado de algumas palavras empregadas pelo autor. No caso de outras, sua interpretação simplesmente se perdeu no tempo, mas felizmente, esses problemas não chegaram a prejudicar a compreensão do texto no seu todo.

A carta foi escrita com intenção de informar o Rei do descobrimento e apresentar-lhe o que se encontrou, por isso o estilo do autor é claro e marcado pela objectividade, mas mesmo assim a carta tem uma grande riqueza de detalhes sobre aquilo que o autor viu.

Podemos assim dizer que por meio da narrativa do autor, o leitor parece conseguir presenciar o momento em que os portugueses e índios se encontraram (no litoral baiano) há 500 anos atrás.



## Carta de Pero Vaz de Caminha sobre o Achatamento do Brasil.

Pero Vaz de Caminha nasceu no Porto 1450, PT as vezes popularmente chamado de Pedro Vaz de Caminha, foi um escritor português que se notabilizou nas funções de escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral.

Era filho de Vasco Fernandes de Caminha, cavaleiro do Duque de Bragança, a época do reinado de D. Fernando (1367-1383).

Em 1500 foi nomeado Escrivão da Feitoria a ser erguida em Calecut, na Índia, razão pela qual se encontrava na nau Capitania da Armada de Pedro Álvares Cabral quando a mesma descobriu o Brasil.

Caminha eternizou-se como autor da Carta datada de 1 Maio ao Soberano.

A carta de Pero Vaz de Caminha é considerada a certidão de nascimento do Brasil, embora dado o sigilo com que Portugal sempre envolveu relatos sobre a sua descoberta, só fosse publicada no séc. XIX pelo padre Manuel Aires de Casal em sua *Conceição Brasileira*.

Assim da vida e obra de Pero Vaz de Caminha destaca-se com grande nitidez a sua preocupação em dar a conhecer ao Rei D. Manuel, com todo o rigor e promenor, os detalhes de um contacto com o povo de Vera Cruz, bem como a cultura daqueles povos, não esquecendo as riquezas que aqueles temas produzem para além do intuito dos mesmos na conversão do Catolicismo.

Numa crónica apresentada por Maria J. Castano é citada em relação a Sanches Neto que é um escritor e crítico literário onde manifesta

## SOGA

Na carta de Pêro Vaz Caminha fala-se de uma viagem, em que ele participou, que teve início no dia 9 de Março de 1500.

No dia 14 de Março estavam entre as ilhas Canárias e no dia 22 nas de Cabo Verde. No dia 23, acontece um acidente em que desaparece uma nau, sem nenhuma razão aparente. Perdendo assim uma nau.

No dia 21 de Abril, evidenciam sinais de Terra. Que obteve o nome de "Terra de Vera Cruz."

Dia 23 do mesmo mês dá-se o primeiro contacto entre nativos e portugueses, onde só se limitavam a trocar presentes.

Pêro Vaz Caminha faz uma análise aos nativos. Destacando a diferença entre os povos, a beleza, a nudez e a inocência dos mesmos.

Caminha fala também em catequizar estes homens para receberem a educação cristã.

No dia 24 acontece um marco importante para a história: - um casal indígena é convidado a subir à nau portuguesa e apontam para um colar em ouro, um castiçal de prata, e apontam de seguida para Terra.

Dando a entender que naquele lugar existia ouro e prata em abundância.

No dia 26, ocorre a 1ª missa, visto ser Domingo de Páscoa. Foi assistida pelos nativos e tripulantes.

Foi construída uma cruz de madeira pelos carpinteiros da frota.

No dia 1 de Maio celebram a 2ª Missa, colocaram a cruz junto a uma árvore e os portugueses, a mando de Cabral, ajoelharam-se e beijaram a cruz. Queriam mostrar a sua educação cristã. Partiram no dia seguinte.

A Carta de Pêro Caminha Tem um valor histórico incalculável. Podemos no dia de hoje saber inúmeros elementos sobre o Brasil na época dos descobrimentos.